

# ***RASTILHO, GALPÃO, BAGUAL, PASTOR, COIÚDO, COLHUDO E BORREGO: EMPRÉSTIMOS LEXICAIS NO PORTUGUÊS DE CONTATO COM O ESPANHOL NA REGIÃO SUL DO BRASIL.***

**Patrícia Graciela da Rocha<sup>1</sup>**

**RESUMO:** Este trabalho é parte de uma pesquisa realizada com base em dados e mapas lingüísticos do Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS) sobre variantes lexicais de origem castelhana incorporadas ao vocabulário do português brasileiro. Nosso objetivo é apresentar e analisar especificamente as seguintes variantes: rastilho, galpão, bagual, pastor, coiúdo, colhudo e borrego, respectivamente e delimitar as áreas de uso dessas variantes nos três Estados do Sul do Brasil, considerando que esses empréstimos resultam do contato do português com o espanhol nessa região.

**PALAVRAS-CHAVE:** empréstimos lexicais; português-espanhol; línguas em contato.

**ABSTRACT:** *This work is part of a research based on data and linguistic maps from Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS) that aimed at identifying lexical variants from Castelian incorporated in the spoken Portuguese language in the southern Brazil. Our goal is to present and analyze the variants: rastilho, galpão, bagual, pastor, coiúdo, colhudo and borrego, as well as demarcating lexical areas in the borders of the three southern Brazilian states considering that these loans are formed by Portuguese-Spanish contact.*

**KEYWORDS:** *loans variants; portuguese-spanish; language in contact.*

## **1. Introdução**

Este trabalho é parte de um estudo realizado com base em dados e mapas lingüísticos do *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS)* sobre variantes lexicais de origem castelhana incorporadas ao português. O objetivo é apresentar e analisar as variantes rastilho, galpão, bagual, pastor, coiúdo, colhudo e borrego, e delimitar as áreas de uso dessas variantes nos três estados meridionais do Brasil. Considerando que esses empréstimos resultam

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Linguística pela UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina.

do contato do português com o espanhol, supõe-se que as ocorrências e distribuição no espaço geográfico estejam fortemente associadas às áreas de fronteira, o que não significa que a distribuição nessas áreas seja homogênea para todas as variantes lingüísticas analisadas. Os itens selecionados foram obtidos por meio de perguntas do Questionário-Semântico Lexical do ALERS relativamente à área semântica I – Acidentes Geográficos. Tais itens foram arealizados, descritos e analisados com base na bibliografia consultada. Todas essas palavras estão relacionadas à atividade agropastoril muito comum no extremo Sul do Brasil, mas que teve o seu vocabulário, antes usado restritamente no ambiente rural, na lida do campo, expandido para o vernáculo urbano de algumas regiões do Sul do Brasil. O presente estudo segue os princípios da Dialectologia, que tem a tarefa de identificar, escrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica. O método utilizado é o da Geolingüística Tradicional.

## **2. Metodologia**

Os dados serão apresentados da seguinte forma: 1) O item lexical a ser estudado; 2) A pergunta do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do ALERS, volume I; 3) O mapa das variantes lexicais hispânicas distribuídas geograficamente na Região Sul do Brasil (ALERS, volumes III, no prelo); 4) Os significados destas variantes encontrados no Dicionário da Real Academia Espanhola (DRAE); 5) Os significados das variantes no Novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa (1986); 6) Os significados encontrados em outros dicionários regionalistas brasileiros e/ou hispânicos com comentários relevantes para a descrição mais apurada de algumas variantes (*Dicionário Gaudério; Vocabulário Pampeano – pátrias– fogões – legendas; Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul; “Doctus” Nuevo Diccionario Castellano; El Habla del Pago; Diccionario Lunfardo* entre outros); 7) Análise dos fatores culturais, históricos, sociais, econômicos, étnicos que podem ter influenciado a arealização ou a existência dessas variantes hispânicas em determinados lugares.

## **3. Variantes hispânicas**

Neste trabalho, considera-se empréstimo do espanhol – seja ele platino, americano ou europeu – no português falado na Região Sul do Brasil a palavra registrada em dicionários de língua espanhola.

### 3.1 Rastilho

Com a finalidade de levantar variantes lexicais do termo luso *ancinho*, o questionário semântico-lexical do ALERS fez a seguinte pergunta: *Um instrumento de cabo longo e com uma travessa dentada na ponta, que serve para juntar folhas secas ou sujeira?* (resposta esperada: *ancinho*).

Os resultados podem ser visualizados na figura 1 que corresponde ao mapa 108 do ALERS e ao item 148 do QSL.

Como pode ser verificado na figura 1, as palavras predominantes na Região Sul são os termos *rastel* e *restel* (consideradas pelo ALERS como variantes fonéticas de um mesmo item) e que correspondem a mais de 40% das respostas dadas em toda a Região Sul, mas de uso predominante no Paraná (embora haja muitas respostas prejudicadas nesse Estado). No entanto, no Rio Grande do Sul, as respostas formaram três grandes áreas representativas do ponto de vista diatópico. A área que interessa a este trabalho é a que se formou no extremo Sul do Estado, na fronteira com o Uruguai e a Argentina, na qual a resposta predominante foi *rastilho*.

Este termo está registrado no DRAE como *rastrillo*, já que em espanhol o som de /ʎ/ não é representado por “lh” (encontro consonantal que não existe nessa língua), mas por “ll” que é lido de formas diferentes de acordo com o país ou região de fala hispânica.

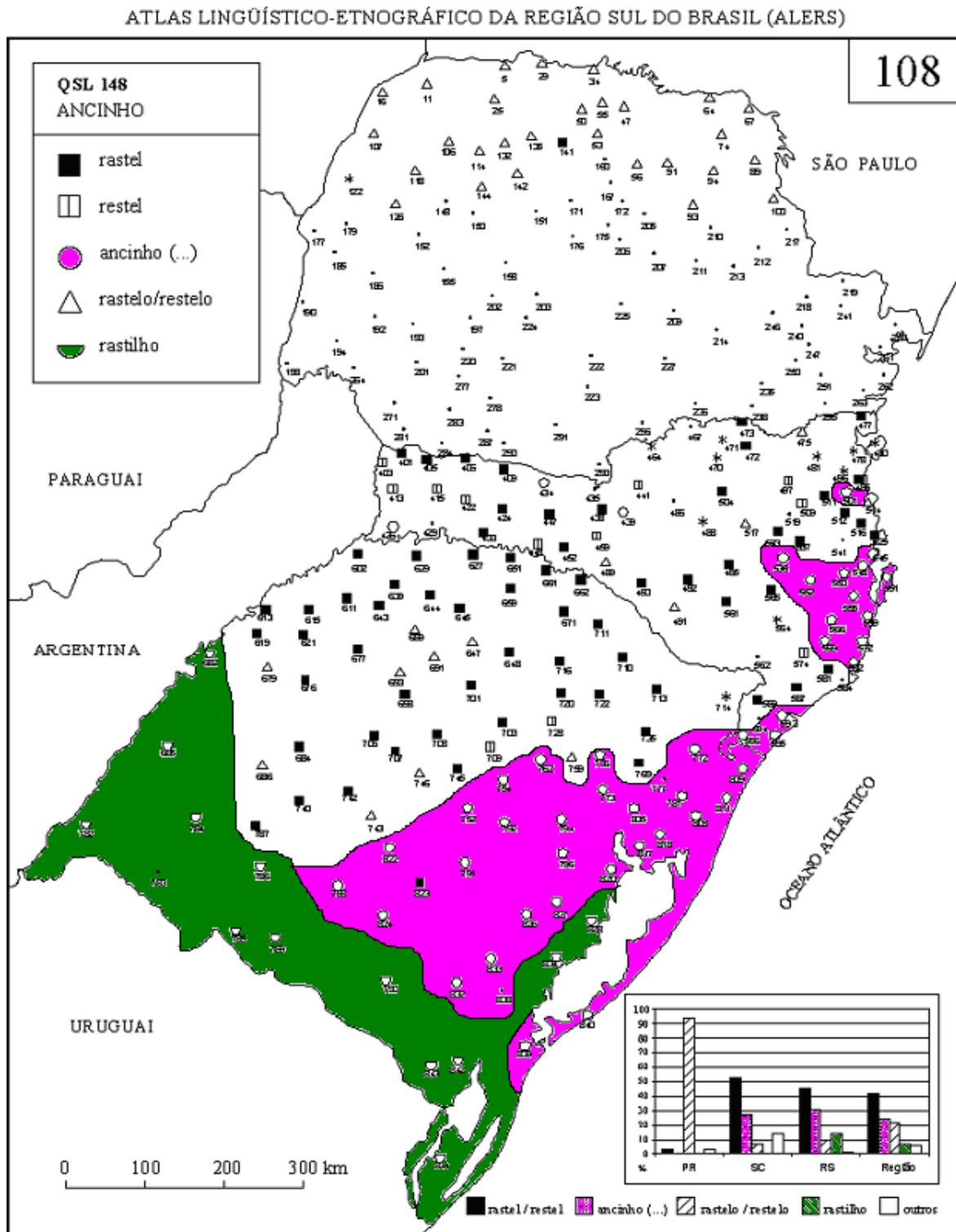


Figura 1 – Mapa correspondente ao item 148 do QSL – Ancinho.

Variante hispânica: Rastilho.

O DRAE conceitua *rastillo* como um Instrumento composto de um cabo comprido e fino cruzado em um de seus extremos por um travessão armado de puas em forma de dentes, e que serve para recolher grama, palha, folhas secas, ou seja, praticamente a mesma definição de *rastilho* do Novo Dicionário Aurélio que, além de conceituar o termo, aponta como sendo oriundo do espanhol *rastillo* que, por sua vez é originário do latim *rastellu*, que queria dizer *diminutivo de rastru*. Além disso, o Dicionário Aurélio registra a palavra como sendo um brasileirismo próprio da Região Sul do Brasil.

Todos os dicionários de espanhol, ou de espanhol-português, consultados trazem a palavra *rastillo* com as mesmas denominações acima mencionadas. Inclusive o *Diccionario Lunfardo* de Jose Gobello (1982), que, além do sentido habitual, acrescenta *rastrियो* como linguagem delituosa que quer dizer ladrão de coisas pequenas, e o verbo *rastrillar* com o sentido de roubar pequenos objetos.

Não podemos deixar de fazer restrições ao Novo Dicionário Aurélio, pois ele traz o termo *rastillo* como sendo um brasileirismo próprio da Região Sul, no entanto, o termo é facilmente localizado no mapa da figura 1 como sendo exclusivo do Rio Grande do Sul, mais especificamente da região limítrofe do extremo Sul.

Koch (2000) assinala o termo *rastilho* como sendo uma designação de *ancinho* que conseguiu resistir na região fronteira ao avanço de dois heterônimos, o termo luso *ancinho* que se impôs em todo o sudeste do Estado, enquanto *rastelo* se tornou a variante predominante no noroeste. De acordo com o autor, como *rastelo* também pertence ao vocabulário da língua portuguesa, mas como designação de pente usado no tratamento do linho ou da grade triangular dentada para aplainar a terra arada, o que pode ter ocorrido é uma adaptação de significado provocada pela semelhança do espanhol. Por outro lado, o autor menciona que pode-se tratar de um empréstimo do italiano *rastello*, já que a área de sua ocorrência coincide na maior parte com a região colonizada predominantemente por italianos e alemães.

Os dados do ALERS reforçam a hipótese de que *rastilho* seja um empréstimo do espanhol *rastillo*, já que a área lingüística está bem delimitada na fronteira do Brasil com os dois países de fala hispânica, área marcada pelo intenso contato entre brasileiros, uruguaios e argentinos. Além disso, essa área, historicamente foi objeto de disputas territoriais, demorando

alguns séculos para ser reconhecida como brasileira, o que certamente deixou marcas lingüísticas nos dois lados da fronteira, e, *rastillo*, parece ser uma delas.

### 3.2 Galpão

Com o intuito de levantar variantes lexicais de *galpão*, o Questionário Semântico Lexical (QSL) do ALERS fez a seguinte pergunta: Local para guardar instrumentos agrícolas?

Os resultados podem ser visualizados na figura 2, que corresponde ao mapa 119 do ALERS e ao item 163 do QSL.

Como pode ser conferido na figura 2, a palavra predominante na Região Sul é *galpão* e corresponde a mais de 40% das respostas dadas em toda a Região Sul. No entanto, no Rio Grande do Sul a palavra *galpão* é quase unânime, com mais de 80% das respostas, formando uma área homogênea e diatopicamente representativa, enquanto os Estados de Santa Catarina e do Paraná se mostram mais heterogêneos com variantes como *paiol*, *garagem*, *rancho*, *barracão* e *tulha*.

A hipótese aqui é que a variante *galpão*, embora sendo um termo historicamente incorporado ao português, tenha seu uso reforçado, nessa Região, pela semelhança com o termo espanhol *galpón* que significa, de acordo com o DRAE, uma casa grande de uma planta só e que se destinava aos escravos nas fazendas da América. A Real Academia não está certa quanto à origem desta palavra, mas menciona que, talvez, seja do mexicano *calpúlli* que quer dizer casa grande. Já Nunes & Nunes (2003) fazem referência a essa palavra que pode ter vindo de *calpulido*, também pertencente ao idioma *nahuatl*, ou mexicano, mas citam autores que afirmam que é um vocábulo da língua *asteca*, e outros que dizem ser de origem *quíchua*. Enfim, a etimologia não está clara.

ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS)

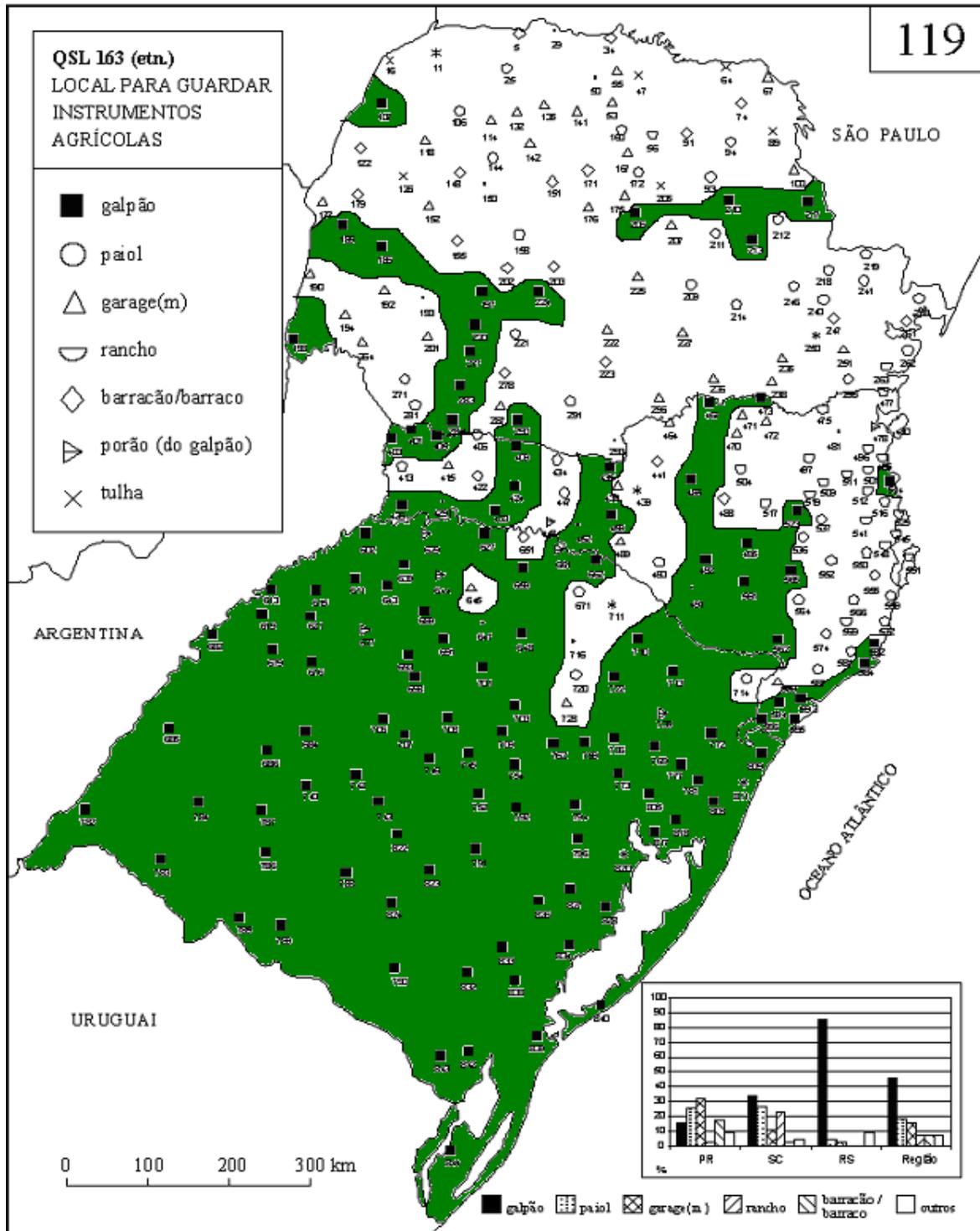


Figura 2 – Mapa correspondente ao item 163 do QSL – Galpão.

Variante hispânica: Galpão.

O Novo Dicionário Aurélio traz o termo *galpão* como sendo novamente um brasileirismo do Rio Grande do Sul que significa construção coberta pelo menos por três de suas faces, na altura total ou em parte dela, por paredes ou tapumes, e destinada a fins industriais ou a depósito, mas não à habitação.

O Dicionário Aurélio acertou na descrição, mas novamente falhou na localização, pois, como podemos visualizar no mapa da figura 2, o termo *galpão* avança do RS em direção ao Oeste, Centro e parte do Sul de Santa Catarina, e, no Extremo Oeste alcança o Estado do Paraná em direção ao Estado do Mato Grosso. Ao contrário do que afirma o Dicionário Aurélio, *galpão* também pode destinar-se à habitação, principalmente dos peões das fazendas.

Nunes & Nunes (2003) apresentam outra definição desse termo, que, na nossa opinião, é mais completa e mostra, além do conceito, o valor histórico, cultural e social dessa palavra:

[...] Construção existente nas estâncias destinada ao abrigo de homens e de animais e à guarda de material. 2. Varanda, alpendre, galeria aberta junto à casa de habitação. 3. é também estábulo ou estrebaria, daí vindo *animal de galpão*, para significar o que é tratado e dorme no estábulo, e *animal a meio galpão*, para indicar o que é tratado no estábulo mas pernoita no campo. 4. o galpão característico do Rio Grande do Sul é uma construção rústica, de regular tamanho, coberta de *santa-fé*, na fronteira, ou de *taboinhas*, nos campos de Cima da Serra, em geral com parte da área assoalhada de madeira bruta e parte de terra batida, desprovido de porta e às vezes até de uma das paredes, onde o fogo de chão está sempre aceso. Serve de abrigo e aconchego à peonada da estância e a qualquer tropeiro, viajante ou gaudério que dele necessite. No galpão se prepara e se come o churrasco, se toma chimarrão, e, também nele, nas horas de folga, ao redor do fogo, se improvisam reuniões de que participam democraticamente patrões e empregados, viajantes, tropeiros, carreteiros e gaudérios, nas quais se contam *causos* de guerra, de tropeadas, de carreteadas, de serviços de campo, de caçadas, de pescarias, de amores, de assombrações, ao mesmo tempo que se bebe uma canha, se toca uma cordeona, se dedilha uma viola, se canta uma modinha ou se recita uma décima. (NUNES & NUNES, 2003, p. 203).

Jayme Caetano Braum, escritor e poeta regionalista, descreve o *galpão* em seus poemas:

Construção rural / pra fogo – animal e gente, / casa-mãe do Continente, / fortim da pampa deserta, / foi a primeira coberta / do guasca – no campo largo, / catedral do mate-amargo, / tosco e sempre de alma aberta... / Para uns – de

origem Quíchua, / Pra outros – Nahuatel – Mexicana, / Mas na pampa Americana / Não importa de onde seja, / Pois o *galpão* foi a Igreja / Deste imenso território, / Quartel – berço e refeitório / e hospital da raça andeja. (BRAUN, 1998, p. 174).

O autor cita ainda Roberto Mara, um platino compositor de milongas campeiras:

La misma estrella nochera, / Lucera Del Alba, el mismo... / Y hasta es común el abismo / de la Iguazú misionera... / La misma luna viajera / navega las estaciones; / y el fuego de los *galpones* / derrite la misma grasa, / como señal de ‘fumaça’ / llamando a los mismos peones. (MARA apud BRAUN, 1998, p. 174).

É visível nessas últimas descrições que palavras e culturas brasileiras e hispânicas confluem nessa região do país. Vejamos o que dizem dois hispanofalantes sobre esse item: “*galpão* – lugar onde se reúnem os peões da estância e onde se guardam os objetos de trabalho da estância” (Informante 1, argentino de Buenos Aires). “*galpão* – é uma bodega para guardar ferramentas (Informante 2, chileno de Concepción)<sup>2</sup>.”

### 3.3 Bagual, pastor, coiúdo, colhudo

Com o intuito de levantar variantes lexicais de *macho reprodutor*, o Questionário Semântico Lexical (QSL) do ALERS fez a seguinte pergunta: Como se chama o macho reprodutor de cavalos?

Os resultados podem ser visualizados na figura 3, que corresponde ao mapa 139 do ALERS e ao item 187.a do QSL.

Como pode se conferir na figura 3, a palavra predominante na Região Sul é *bagual* que corresponde a mais de 60% das respostas dadas em toda a Região. No entanto, no Rio Grande do Sul as palavras *coiúdo* / *colhudo* (consideradas pelo ALERS como variantes fonéticas de uma mesma palavra) e *pastor* somam quase 50% das respostas. A palavra *pastor* aparece ainda em cinco pontos no centro do Estado do Paraná, mas *coiúdo* e *colhudo* aparecem somente no Rio

---

<sup>2</sup> Nossa pesquisa fez uso da opinião de alguns hispanofalantes nativos sempre que um item não parecia muito claro na bibliografia consultada, fizemos isso usando um questionário aplicado via e-mail.

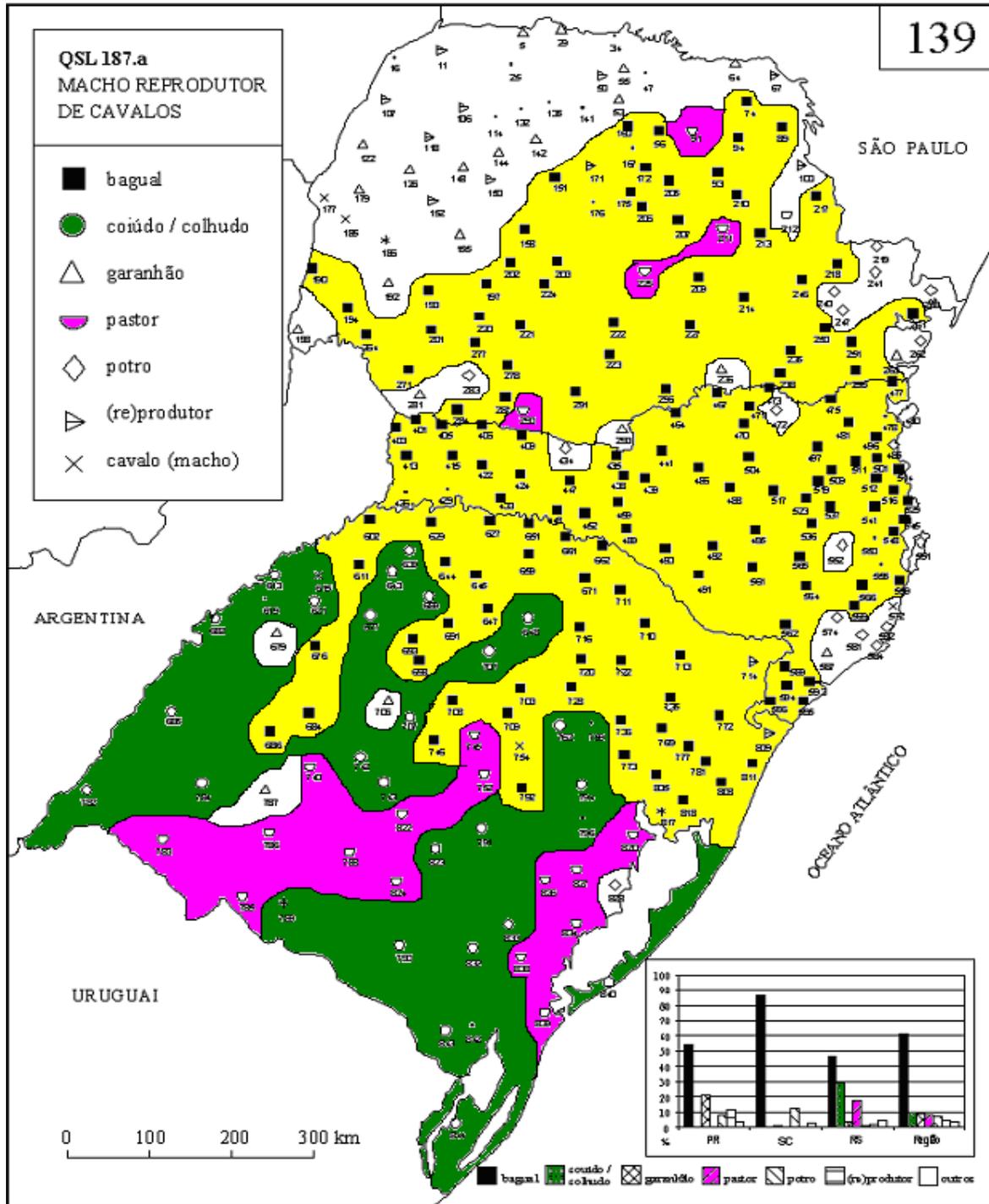
Grande do Sul, formando uma área lingüística bem definida nas proximidades da fronteira com o Uruguai e a Argentina, enquanto *bagual* está bastante disseminada em direção ao norte da região, concorrendo, no extremo norte do Paraná com a variante lusa *garanhão* e *reprodutor* e com *potro* nas regiões litorâneas de Santa Catarina e Paraná.

O que podemos visualizar no mapa da figura 3 é uma disseminação de três palavras vindas do espanhol, pois o DRAE considera *pastor* como originário do latim. *pastor*, *-ōris*, e menciona que esta palavra é usada na área rural do Uruguai com o sentido de semental eqüino ou porcino. Já *cojudo*, lido como *coiúdo*, é identificado pelo Dicionário da Real Academia como advindo do latim *colĕus* que significa testículo e que se transformou em um adjetivo que se usa para dizer de um animal não castrado.

Já a palavra *bagual (la)*, para o DRAE, vem de *Bagual* (cacique indígena argentino) que pode ser um adjetivo de uso coloquial que no Paraguai e no Uruguai significa “incivil”, ou que, na Argentina e no Uruguai significa *potro* ou *cavalo não domado*, ou ainda, especificamente na Argentina, *bagual (la)* é o nome dado à canção popular do noroeste da Argentina, de versos octosilábicos e características elevações de tons, que se acompanha com caixa.

O Novo Dicionário Aurélio registra a palavra *colhudo* como vinda de *colhão* + *-udo* que se transformou em um adjetivo que quer dizer *quem tem testículos grandes* e, no Sul do Brasil, é usado para *cavalo não castrado*. Além desses significados o dicionário indica *colhudo* como sendo um *brasileirismo* que significa *valentão*.

ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS)



**Figura 3** – Mapa correspondente ao item 187.a do QSL – Bagual / coiúdo / colhudo / pastor. Variantes hispânicas: Bagual / coiúdo / colhudo / pastor.

*Bagual* é identificado pelo Aurélio como sendo do espanhol platino *bagual* que se caracteriza como um brasileirismo próprio do Sul do Brasil. Diz-se de potro arisco e de potro recém-domado, além de cavalo que se tornou selvagem. O dicionário também traz duas figuras de linguagem que querem dizer: 1) espantadiço, assustadiço e pouco sociável, intratável e 2) muito grande, desmedido; fora do comum. Ligada a esses conceitos, o dicionário traz também a palavra *bagualada* que, segundo ele, também vem do espanhol platino *bagualada* e é um brasileirismo do Sul do Brasil que quer dizer manada de baguais e também grosseria, estupidez e indelicadeza.

A palavra *pastor*, no Aurélio, é identificada como sendo também um brasileirismo usado na Bahia e no Rio Grande do Sul, que significa *garanhão*. No entanto, nesta pesquisa, não temos a possibilidade de dizer se essa afirmação é totalmente verdadeira ou não, pois os dados do ALERS nos permitem afirmar apenas que no a palavra ocorre no extremo sul riograndense, cobrindo uma área que vai de Quaraí a Barra do Ribeiro, como podemos verificar no mapa da figura 3.

Obaldía (2006) identifica *pastor*, *cojudo* e *padrillo* (lido no Uruguai como *padrijo*) como sinônimos, que significam animal sem castrar que pode destinar-se à reprodução. O autor menciona que no pago<sup>3</sup> se aplica somente ao cavalo e ao porco. Obaldía cita também um provérbio “cojudo manso bostea cerca” que se diz quando se dá volta a cevadura do mate sem levantar-se do acento, por encontrar-se em uma cozinha ou galpão de chão batido ou em qualquer lugar em que não deva cuidar da limpeza.

A palavra *padrijo*, que parece ser claramente um empréstimo do espanhol, é constatada pelos dados do ALERS, apenas em Dom Pedrito, que se localiza nas proximidades de Santana do Livramento, cidade que faz fronteira com a cidade uruguaia de Rivera.

Ainda sobre a palavra *bagual*, Gobello (1982) identifica no seu *Diccionario Lunfardo* como sendo próprio da linguagem popular e que quer dizer cavalo sem domar, animal montês e selvagem ou indivíduo arisco, desabrido e intratável.

---

<sup>3</sup> O autor define *pago* como o território pertencente ao departamento de Treinta y Tres (cidade do Norte Uruguio) às margens do rio Cebollatí. Para o autor, nas terras de Treinta y Tres e Rocha, não se fala da mesma maneira e formas cotidianas nas duas margens do mesmo rio.

Para Braun (1998), *bagual* é o cavalo xucro que já está sendo domado. Em sentido figurado, quer dizer rude, selvagem, retovado ou atrevido. Raça bagual tem sentido de rude e xucra linguagem. Nas palavras do autor “dizem uns que o Guarani ao conhecer o cavalo passou, de pronto, a chamá-lo de *bae guará* e, desde então por diante, fez-se a fusão formando o termo *bagual*. Embora não sendo clara, tem fundamento a versão” (p. 45).

O mesmo autor menciona ainda que os escritores pampeanos registram *bagual* no seu sentido geral de *bravio* e de *indomado*, diferente de *aporreado*, quase igual a *chimarrão*, mas sempre uma evocação de algo rude, asselvajado.

Braun cita também dois poemas tradicionalistas envolvendo o termo, o primeiro em português e o segundo em espanhol platino:

Vargas Neto assim o canta: “...um contava uma rodada: / um outro uma gauchada / num aparte de novilho; / E aquele um corcovo feio / com que o bagual no rodeio / quase o tirou do lombilho.”

Ao Martin Fierro de Harnández pertence a sextilha abaixo: “... Ansí andaba como guacho / cuando pasa el temporal. / supe una vez, pa mi mal, / de una milonga que había, / y ya pa la pulpería / enderecé mi bagual.” (BRAUN, 1998, p. 45).

Nunes & Nunes (2003) definem *pastor* e *colhudo* como sendo o garanhão, ou seja, o cavalo inteiro reservado para fecundar as éguas. Enquanto o termo *bagual* é destinado ao equino selvagem, isto é, ainda não domado, cavalo novo e arisco, potro domado recentemente, cavalo manso que se tornou selvagem, reprodutor, pastor, animal não castrado. Além desses sentidos, os autores também mencionam as características de *bagual* que se aplicam também a pessoas, tanto no sentido pejorativo como elevado, são elas: espantadiço, bisonho, arisco, abrutalhado, rude, grosseiro, bravio, indômito, bonito, vistoso, muito grande.

Sobre a origem e etimologia do termo *bagual* os autores descrevem:

O cavalo, como é sabido, foi importado pelos espanhóis, mas abandonado, tornou-se alçado, propagando-se consideravelmente pelos pampas do sul de Buenos Aires. Os índios que os habitavam acomodaram à sua língua o nome que os conquistadores davam ao quadrúpede que não conheciam, chamando-lhe *cahuallu*, *cauellu*, *cahual*. Os espanhóis, tomando por sua vez, dos pampas esse último vocábulo, ligeiramente modificado, passaram a chamar *bagual* ao cavalo que ali acharam selvagem, com o que distinguiam do manso ou sujeito ao

domínio do homem. Adjetivou-se a voz castelhana ao voltar transformada a seus lábios dos lábios dos índios. Estudos posteriores, porém, me autorizam a apresentar outra origem ao termo em apreço, sem entretanto, querer firmar uma opinião inabalável. Dou-a a título de sugestão aos estudiosos. O índio guarani, ou os que falavam o *abanhanga*, não conhecendo o cavalo antes da chegada dos europeus, não tinham nome para designar o animal exótico, e daí a formação por eles da palavra *mbaê-guara* ou *mbaê-uara*, como fizeram em relação ao boi, também deles desconhecido, que passaram a designar por *tapiraciuiacauara*. *Tapira*, por ser grande como anta; *ciui*, por ser ruminante; *acá* por ter chifres, e *aura*, redução de *retamaura*, conforme explica Afonso Freitas, no seu vocabulário Nheengatu. Assim, quanto ao cavalo teriam formado, na sua língua elástica, o nome *mbaê-guara*, pois *mbaê* significa coisa, objeto, e *guará*, já acima foi dada a significação. Assim, pois, *mbaê-guara*, significa coisa estranha ou desconhecida. Foi fácil ao português ou ao espanhol transformar a palavra em *bagual*, para o cavalo selvagem, procedente dos animais trazidos pelos primeiros nos meados do século XVI, para São Vicente e daí se espalhado por todo o sul do Brasil e o Prata [...]” (MORAES apud NUNES & NUNES, 2003, p. 50).

### 3.4 Borrego

Com a finalidade de levantar variantes lexicais destinadas ao *filhote* ou a *cria da ovelha*, o ALERS fez a seguinte pergunta: (*Como se chama*) ...a *cria da a) ovelha; b) égua; c) vaca; d) porca; e) cabra nas diferentes idades? (especificar e distinguir entre macho e fêmea)*.

Os resultados podem ser visualizados na figura 4 que corresponde ao mapa 147 do ALERS e ao item 191.a do QSL.

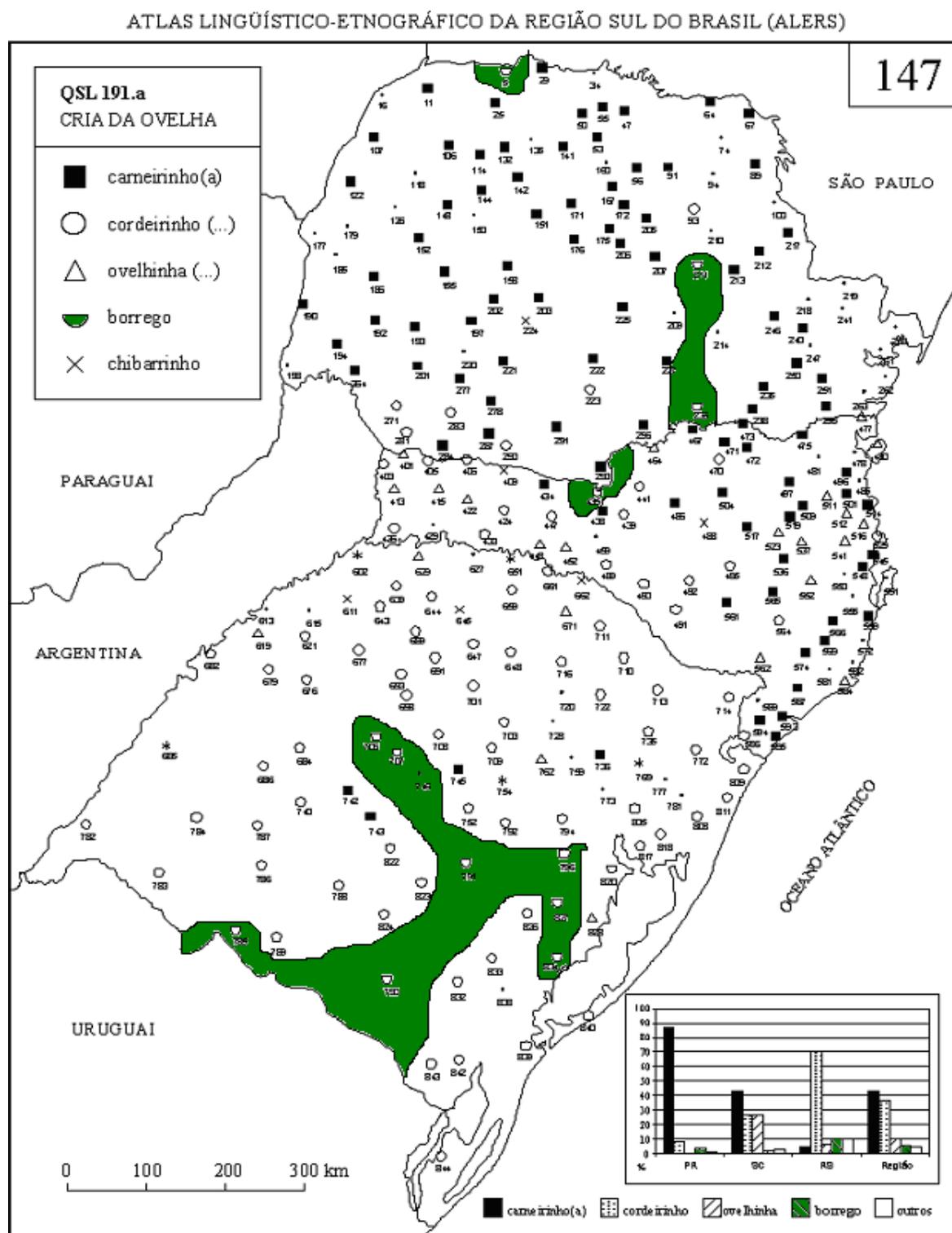


Figura 4 – Mapa correspondente ao item 191.a do QSL – Cria do ovelha.

Variante hispânica: Borrego.

Como pode ser averiguado na figura 4, a palavra predominante na Região Sul é *carneirinho* (*a*) que corresponde a mais de 40% das respostas (predominante no Paraná e Leste de Santa Catarina), seguida pela variante *cordeirinho* com cerca de 35% das respostas dadas em toda a Região (predominante no Rio Grande do Sul e Oeste de Santa Catarina). No entanto, no extremo sul do Rio Grande do Sul aparece o termo *borrego*, com pouca representatividade numérica, mas com boa distribuição diatópica, pois está localizado nas regiões de fronteira com o Uruguai, mais especificamente nas cidades de Santana do Livramento (fronteira com a cidade uruguaia de Rivera) e Bagé, subindo em direção a Cachoeira do Sul, São Lourenço, Dom Feliciano, Barra do Ribeiro, Tupanciretã e Júlio de Castilho. Cidades estas que, além de serem marcadas pela proximidade e contato com o Uruguai, também fizeram parte da rota dos tropeiros e são áreas de economia baseada na agropecuária e dentre estas atividades se destacam a criação de gado e de ovelha, o que justificaria, de acordo com a dialetologia, uma maior riqueza de termos ligados a essa atividade.

Verificamos também uma aparição do termo *borrego* no centro-norte de Santa Catarina e três no centro e norte do Paraná, o que coincide, novamente, com a direção das rotas dos tropeiros já mencionadas anteriormente.

O DRAE identifica *borrego* como originário de *borra*, que significa cordeiro de um a dois anos.

Já o Novo Dicionário Aurélio identifica *borrego* como originário de *borra* (*ô*) + *ego* que também significa cordeiro com menos de um ano, ou então, um indivíduo sossegado, manso, pacífico.

Além desses significados, Garcia (1953) traz *borrego* como sendo, na América, o mesmo que boato ou, no sentido figurado, pessoa simples ou ignorante ex. “No Haber tales borregos” (p. 156) que denota a inexistência do que se combinou ou deu por certo. O dicionário de Garcia traz também os termos *borregoso* que quer dizer encrespado, próprio do borrego ou de sua lã, por ex.: “Mar borregoso” que significa mar encrespado ou encarneirado (p.156).

Braun (1998) define *borrego* como sendo uma ovelha ou carneiro antes da primeira tosa, do qual a lã é menos valiosa e vendida a baixo valor. “E é por ter pena dos outros / que andam soltos na terra, / que quando esse guaxo berra / meu peito xucro se amansa, / pois eu sinto – na

confiança / que inspiro ao pobre *borrego* / o mesmo anseio de achego / que eu tive – quando criança.” (BRAUN, 1998, p. 70).

Nunes & Nunes (2003) acrescentam o sentido figurado de pessoa pacífica ou alguém bem jovem, novo.

Nosso informante argentino (de Buenos Aires) cita *borrego* como sendo, além de um cordeiro pequeno, uma palavra usada pejorativamente para designar criança ou menino.

Devemos acrescentar que, na região em que foi registrada a palavra *borrego* é comum à lida com a criação de ovelhas nas propriedades rurais, o que mais uma vez contribui para a riqueza de termos ligados a essa atividade.

#### **4. Considerações finais**

O objetivo principal desse trabalho era apresentar a distribuição diatópica e analisar sete variantes lexicais de origem castelhana registradas pelo ALERS no português falado no Sul do Brasil, a saber: *rastilho*, *galpão*, *bagual*, *pastor*, *coiúdo*, *colhudo* e *borrego*. Os mapas identificados como Figuras 1, 2, 3 e 4 delimitam as áreas de difusão das referidas variantes lexicais na Região Sul do Brasil, as quais, de certo modo, projetam-se do sul para o norte a partir das fronteiras com o Uruguai e Argentina, ora fazendo o percurso das rotas de migração dos gaúchos rumo à exploração do Centro-Oeste do país, ora avançando em direção ao Centro de Santa Catarina e Paraná, delineando os caminhos dos tropeiros.

Conforme se demonstra através dos mapas geolingüísticos, a distribuição das formas nominais em apreço não se sobrepõe integralmente no território pesquisado, demonstrando que a difusão de cada uma das palavras emprestadas do espanhol pelos falantes de português do Sul do Brasil está sujeita a fatores lingüísticos e extralingüísticos distintos, fatores esses que não esgotamos aqui, já que nos dedicamos principalmente à distribuição diatópica dos dados, porém estudos posteriores em sociolingüística nessa região do país seria de grande valia para o esclarecimento de alguns fenômenos de empréstimos lexicais levantados neste trabalho.

#### **5. Referências bibliográficas**

ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS). Volume 1: *Introdução*; Volume 2: *Cartas Fonéticas e Cartas Morfossintáticas*. ALTENHOFEN, Cléo V.; KLASSMANN, Mário Silfredo; KOCH, Walter (orgs.) et al. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; Florianópolis: Ed da UFSC; Curitiba: Ed. da UFPR, 2002.

ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS). Volume 3: *Cartas semântico-lexicais (parte 1)*. ALTENHOFEN, Cléo V.; KLASSMANN, Mário Silfredo (Org.) et al. No prelo.

BRAUN, Jayme Caetano. *Vocabulário Pampeano*. 2ª ed. Porto Alegre: EDIGAL, 1998.

DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

GARCIA, Hamilcar de. *Dicionário Espanhol-Português*. 4ª ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1953.

GOBELLO, Jose. *Diccionario Lunfardo*. 4ª ed. Buenos Aires – Argentina: Pena Lillo Editor, 1982.

KOCH, Walter. O povoamento do território e a formação de áreas lingüísticas. Contribuição do Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul ao estudo da fronteira lingüística entre o Brasil e o Uruguai. In: *Práticas de integração nas fronteiras: temas para o Mercosul*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; Inst. Goethe/ICBA, 1995. p.192-206.

\_\_\_\_\_. In: GÄRTNER, Eberhard; HUNDT, Christine; SCHÖNBERGER, Axel (eds). *Estudos de geolinguística do português americano*. Frankfurt am Main: TFM, 2000 (Biblioteca luso-brasileira; vol. 18).

MARGOTTI, Felício W.; VIEIRA, Hilda Gomes. Características de uma área lexical heterogênea na região sul do Brasil. In: VANDRESEN, Paulino (org.). *Variação, mudança e contato lingüístico no português da região sul*. Pelotas: EDUCAT, 2006.

NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S.A. 1986.

NUNES, Zeno Cardoso; NUNES, Rui Cardoso. *Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul*. 10ª ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2003.

OLBADÍA, José María. *El habla del pago*. Montevideo – Uruguay: Ediciones de la Banda Oriental S.R.L, 2006.

OLIVEIRA, Alberto Juvenal de. *Dicionário Gaúcho*. 3ª ed. Porto Alegre: AGE, 2005.

ROCHA, Patrícia Graciela da. *O português de contato com o espanhol no Sul do Brasil: empréstimos lexicais*. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.